



Mataram o Chefe de Posto

E. S. Tagino



Esta edição teve a colaboração de:
Câmara Municipal de Almada
Câmara Municipal de Grândola



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

TÍTULO: *Mataram o Chefe do Posto*
AUTORIA: *E. S. Tagino*
EDITOR: *Luís Corte Real*
Esta edição © 2007 Edições Saída de Emergência

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*
DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Guide - Artes Gráficas, Lda.*
1ª EDIÇÃO: *Junho, 2007*
ISBN: *978-972-8839-99-4*
DEPÓSITO LEGAL: *??????/07*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Av. da República, 861, Bloco D, 1º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal
TEL E FAX: *214 583 770*
WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

*A este livro foi atribuído, em 2006,
o “Prémio Literário Cidade de Almada”*

Advertência

Esta é uma obra de ficção sobre a Guerra Colonial. O autor desconhece, de todo, se algum chefe de posto morreu nas circunstâncias, precisas, aqui relatadas. Também desconhece, em absoluto, se alguma tropa portuguesa ficou, algum dia, “esquecida” no mato. Quanto ao resto, não põe as mãos no lume nem acredita em coincidências.

Agradecimentos

À minha filha Bárbara, pela cuidada revisão do texto e pela análise da estrutura interna da narrativa. Pelos críticas oportunas e pela paciência em me escutar.

Ao meu amigo doutor Ramiro Henriques Coimbra e ao meu genro Carlos Fonseca, por todas as opiniões e conselhos.

Ao general Eduardo Silva Nihia — o verdadeiro comandante Mutote — por lhe ter roubado o nome de guerra e a estatura física; pela nobreza do seu carácter e pela persistência da sua amizade.

À minha cunhada Sara Torbulento, por todo o empenho e entusiasmo.

À minha querida e sempre presente Maria Fernanda, por me ter falado no chefe de posto, sem o que este romance não seria possível.

À Lili, por tudo.

*“Até é bom a guerra ser uma coisa tão terrível,
senão ainda acabávamos por lhe tomar o gosto.”*

—General Robert Lee

PRÓLOGO

— O chefe de posto *moreste*...! O chefe de posto *moreste*...! O chefe de posto *moreste*...!

O moleque *Formiga* apareceu, subitamente, vindo das traseiras da Administração, e atravessou a praça tão rapidamente quanto surgira. O moleque *Formiga* corria desenfreado, levantando uma nuvem de poeira vermelha que o vento logo desfez e dissipou num rasto vago e sinuoso.

Os negros com grilhetas presas a grandes bolas de ferro, que jardinavam no largo fronteiro à Administração, pararam as catanas e os ancinhos e endireitaram as espinhas cansadas. Rodopiaram os olhos mortiços numa atenção branda e desalentada e, por momentos, fixaram o espaço vazio que a poeira deixava no rasto que se esfumava, volúvel e indefinido, do moleque *Formiga*.

Os dois *cipaios*¹, que fumavam cigarros enrolados, encostados ao muro dos Correios, suspenderam a dolência dos gestos repetitivos na esteira da última fumaça, enquanto vogavam um olhar hesitante no campo que se dilatava, progressivamente, desde os negros das grilhetas até à poeira que restava da passagem apressada do moleque *Formiga*.

— O chefe de posto *moreste*...! O chefe de posto *moreste*...! O chefe de posto *moreste*...!

As senhoras de vestidos claros que, nas varandas das casas coloniais, tomavam o pequeno-almoço, servidas por empregados negros, aprumados nas suas fardas brancas de botões dourados, interromperam os seus gestos suaves numa pausa delicada. Por curtos instantes, o tempo correu um pouco mais acelerado no sangue morno dos seus corpos compassivos. Porém, demasiado afastadas, pelos jardins fronteiros que alindavam as casas de varandas largas, ouviram apenas ruídos confusos levados pelo vento. E logo voltaram, com a mesma elegância, à deglutição matinal das suas requintadas refeições.

As mulheres das *machambas*², que regressavam, cansadas, com filhos pequenos às costas, apertados em *capulanas*³ coloridas, molhos de lenha à cabeça e sacholas pendentes nas mãos gretadas, paravam à passagem do moleque *Formiga*. Suspensas, atónitas ou interrogativas,

1- Notas de rodapé na página 153

logo prosseguiram a caminhada que as levaria de volta às palhotas, alinhadas para lá da orla dos cajueiros.

O negro Malaquias, alfaiate emérito de fino recorte e ponto precioso, parou a velha máquina de costura e levantou os olhos, por instantes, da obra-prima que afeiçãoava. Por momentos, a fronte engelhose em finíssimas pregas e uma irritação mínima aflorou-lhe nos olhos e na face. O vento que soprava, indefinido mas certo, trouxe-lhe restos da poeira levantada o que lhe aumentou o desconforto até este se ter tornado físico. Tossiu a descongestionar a garganta, ligeiramente embargada, ajeitou os óculos e logo retornou às suas minudências.

O *China* da cantina limpava a jambire enegrecida do balcão. O *China* da cantina continuou a limpar a jambire enegrecida do balcão. O *China* da cantina, mesmo quando tinha clientes, estava sempre a limpar a jambire enegrecida do balcão. É possível que o *China* da cantina tivesse ouvido os gritos do moleque *Formiga* correndo na poeira da estrada. Mas o *China* da cantina, que limpava a jambire enegrecida do balcão, só tinha ouvidos para os pedidos dos clientes e para o retinir das moedas na jambire enegrecida do balcão.

— O chefe de posto *moreste*...! O chefe de posto *moreste*...! O chefe de posto *moreste*...!

O alferes Ferreira levantou-se da cadeira onde tomava o pequeno almoço e assomou à janela da palhota — que era cantina, messe e bar do destacamento — no preciso momento em que o moleque *Formiga* se escapulia do seu ângulo possível de visão. Na velha grafonola do furriel Rocha, a voz de Zeca Afonso entoava “Foge estrangeiro / Da morte escura...”, mas o alferes Ferreira ouvia mal desde os últimos combates de há seis meses. Um zumbido persistente e incomodativo que se instalara, algures, no interior do cérebro, não o deixava identificar, com rigor, nem os sons, nem as palavras e nem as frases que lhe pareciam sempre vagas, sibilantes e imprecisas.

— O que é que ele disse? — perguntou o alferes.

— Qualquer coisa do chefe de posto — respondeu o furriel Carmo, mais interessado na *paciência* de cartas que deixara de véspera.

Os três anciãos, que descansavam debaixo da mangueira grande dos rituais sagrados, levantaram os olhos negros, por instantes, e acompanharam a corrida do moleque *Formiga* até à curva do embondeiro, quando ele desapareceu em direcção aos pântanos que ficavam no limite das pedreiras. Depois, retornaram à *cabanga*⁴ e à castanha de caju que torrava na cinza ainda quente da fogueira semi-apagada.

O madeireiro Tobias, em cima do tractor, arrastava dois enormes toros de ambila verde. Duas marcas paralelas afundavam ainda mais

o côncavo dos rodados na terra vermelha da *picada*⁵. Os empregados do madeireiro Tobias, que seguiam em cima do atrelado do tractor vi-nham zonzos do matraquear nervoso do motor. Nem o madeireiro Tobias nem os empregados pareceram reparar no garoto encardido que corria, gritando, na borda do *capim*⁶.

— O chefe de posto *moreste*...! O chefe de posto *moreste*...! O chefe de posto *moreste*...!

A pedreira formigava de negros descalços, de picareta em ris-te. Uma poeira fina, cinzenta e de reflexos prateados, adensava-se no contraluz do morro de granito que se erguia na planície pantanosa. Os homens reluziam como as pedras, cobertos pelo mesmo manto acin-zentado, quebrado apenas pelos veios cavados pelo suor nas faces em-poeiradas. O moleque *Formiga* chegara ao fim da *picada*. O cansaço espelhava-se na face. Os calções e a camisa, as pernas, a cara e o cabelo estavam vermelhos do pó da *picada*. O moleque *Formiga* continuava a gritar:

— O chefe de posto *moreste*...! O chefe de posto *moreste*...! O chefe de posto *moreste*...!

— *Formiguinha*, como é que esse filho duma *quizumba*⁷ morreu?
— perguntou o mulato Maciel, depois de um breve relance pela mão direita mutilada.

— *Moreste* de tiro matado, patrão!

I NÓ GÓRDIO

A guerrilha do norte, que se instalara, em definitivo, para lá do rio Kimbali, desde há três anos, começara a fazer o seu caminho junto das populações locais. Nem as dissensões ao mais alto nível, que se desenrolavam para lá da fronteira, pareciam criar mocha no espírito dos comandantes locais. A distância impedia a actuação oportuna dos caças estacionados junto ao mar. As três frentes de guerra obrigavam a uma redistribuição criteriosa dos efectivos que não era compatível com as reais necessidades da quadrícula. A *pide* nem sempre chegava aos locais mais remotos e os religiosos pareciam ser, agora, os melhores aliados dos *turras*⁸.

A guerra estava ganha, tinha dito o general, na televisão, perante a incredulidade do País! O Povo era desconfiado, melancólico e fatalista e não acreditara no general. Como a guerra já estava ganha, o general passou o quartel-general do Norte, junto ao teatro das operações, para a capital, no extremo Sul. No entanto, rapidamente começou a perceber que a acção psicológica, só por si, não seria suficiente para consolidar aquela guerra que já estava ganha. O general sabia que só uma operação espectacular, radical e em larga escala, podia, em definitivo, garantir-lhe essa vitória que já reivindicava como assegurada.

A guerrilha palmilhara um longo caminho. Desde o rio Rovuma até ao rio Zambeze, metade do território estava agora à mercê de operações concertadas ou flagelações esporádicas. Em Tete, estava prestes a abrir-se uma nova frente. Notícias do Malawi garantiam a sua iminência. Seria apenas uma questão de tempo. Os *sitreps*⁹ militares reportavam um crescendo de informações, aparentemente desconexas mas premonitórias, de amplas movimentações no tabuleiro do xadrez geopolítico da região. A consolidação emergente de uma nova chefia em Nachingwea começava a ganhar forma. Alguns quadros superiores das facções em desgraça tinham começado a apresentar-se às autoridades coloniais.

O general, que tinha dito na televisão que a guerra estava ganha, reuniu o estado-maior no conforto do novo quartel-general instalado na capital. A guerrilha fervilhava mil quilómetros a norte e projectava-se num arco de outros mil quilómetros. Essa ampla meia-lua esten-

dia-se para Oeste, desde o planalto do Macondes até ao lago Niassa, e daqui até às proximidades rio Zambeze. Macondes, Macuas, Ajawas, Nhanjas, Senas, Rongas, Xopes, Angonis, Vátuas e Maxanganes começavam a constituir-se numa frente maior do que a própria Frelimo. O colonialismo tinha definido o território e oferecido a possibilidade de uma língua comum. A guerrilha começava agora a formar uma Nação. A resposta do general, que tinha dito na televisão que a guerra estava ganha, estava prestes a ser desencadeada.

A *pide* e a inteligência militar recolheram, trataram e puseram à disposição do general comandante-chefe uma panóplia assombrosa de informações — políticas, militares e territoriais —, capazes de permitir a melhor das opções estratégicas. Resumos, quadros e mapas sintetizavam, com rigor milimétrico, a situação real no terreno e as suas variáveis mais imprevisíveis. Durante os seis meses anteriores, os pelotões de reconhecimento, ao nível dos batalhões, tinham-se empenhado em patrulhas arriscadas, para lá das linhas do inimigo, nem sempre bem-sucedidas. O pessoal das informações tinha gastado milhares de horas na pesquisa e selecção, mesmo das notícias mais irrelevantes. A polícia política utilizara, com redobrada eficácia, a sua rede local de informadores. O general comandante-chefe estava em condições de tomar, finalmente, a sua decisão.

Movimentações logísticas de envergadura média foram os primeiros actos preparatórios de que algo estava para acontecer. Diverso material militar, habitualmente concentrado no Centro e no Sul — viaturas de transporte de tropas, autotanques, tendas, cozinhas e hospitais de campanha — seguiram para o Norte, paulatinamente, durante toda a estação seca desse ano. A substituição periódica das tropas, em zona de cem por cento¹⁰, foi retardada enquanto o pessoal dos adidos e outros excedentários começaram a ser enquadrado em pelotões *ad-hoc*.

Nos finais de Abril do ano seguinte, um pelotão incompleto, comandado pelo alferes Ferreira, com apenas duas secções enquadradas pelos furriéis milicianos Carmo e Geraldês, e constituído por pessoal básico e de substituição individual, em trânsito no Quartel dos Adidos, à Ponta Vermelha, tomou lugar num *nor-atlas*¹¹, sem janelas visíveis, para um destino desconhecido. No mesmo avião seguiam, ainda, dois *unimogs*¹² e um jipe e uma quantidade enorme de caixas com rações de combate, camas, armários e outro material diverso.

Três horas mais tarde, o avião pousava numa pista desconhecida, perdida no mato. Demorou meia hora a descarregar, após o que reabasteceu e levantou voo de regresso ao Sul. O alferes Ferreira e os furriéis

milicianos Carmo e Geraldês foram levados até um buraco, cavado no chão, coberto por chapas de zinco, capim e folhagens, onde um coronel de camuflado, acolitado por dois majores, entregou ao alferes uma ordem de serviço, num envelope fechado, com a palavra CONFIDENCIAL, em maiúsculas e a vermelho, para ser aberto apenas no destino.

Pelas seis horas da tarde, com a noite já completamente escura, uma coluna militar, composta por duas *berliets*¹³, carregadas com as rações e outro material encaixotado, uma cozinha de campanha e vários bidões de combustível, quatro *unimogs* com soldados armados de G3¹⁴ e dois jipes armados de metralhadoras *breda*¹⁵ com tripé, fez-se à *picada*.

Só pelas cinco da manhã, quando o sol começou a erguer-se nas suas costas, é que o alferes Ferreira percebeu que seguiam rumo ao interior. Pouco depois, pararam à ordem do alferes da escolta. Tinham feito apenas cento e vinte quilómetros. Faltavam ainda cento e noventa para chegar ao Kimbali.

— Temos vindo, até aqui, a contornar por Sudoeste. A partir de agora vamos seguir no azimute Oes-noroeste¹⁶ e todo o cuidado é pouco; até ao cruzamento do Banze já tem havido minas e emboscadas, por isso, convém informar o pessoal — concluiu o alferes da escolta.

— Este pessoal é *checa*¹⁷, nunca estive em zona de combate — respondeu, apreensivo, o alferes Ferreira.

— Então, está na hora. As G3 em posição de rajada, concentração na *picada* e no capim e, principalmente, quero as viaturas espaçadas mas sem nunca deixarem de ver a que vai à frente. Ah! E que ninguém dispare senão à minha ordem.

Os restantes cento e noventa quilómetros foram percorridos sem qualquer ocorrência. No fim da viagem, os homens continuavam apreensivos, tensos e confusos. O suor escorria-lhes pelas faces e pelas costas e tinham dificuldade em respirar. O sol dos trópicos do meio-dia caía a pino. Tinham demorado trinta horas para percorrer pouco mais de trezentos quilómetros. Um feito!

— Na época das chuvas isto está tudo intransitável — avisou o alferes da escolta.

— Deve estar, isto aqui à volta é tudo pantanoso — concordou o alferes Ferreira.

— Quando chegar a época das chuvas vão ter de tomar muita *resoquina*¹⁸ para aguentar o *paludismo*¹⁹.

— Vamos ver como nos safamos deste grande nó górdio! — concluiu o alferes Ferreira, visivelmente apreensivo.

II ESTAMOS JUNTOS

O alferes Ferreira mandou o impedido chamar o cabo *Bacalhau*. Tinha aberto o envelope, mal o alferes da escolta tinha partido com os seus homens. Os furriéis estavam já a inventariar o material descarregado. Os dois *unimogs* e o jipe, que tinham vindo com eles no avião, eram as peças mais admiradas e os condutores-auto estavam soberbos da importância subitamente adquirida. O alferes Ferreira ainda não os conhecia a todos. Uma semana apenas não dava para nada, mas percebera, desde o início, que o cabo *Bacalhau* era a pessoa indicada para aquela missão.

— O meu alferes mandou-me chamar?

O cabo *Bacalhau* não ficou em sentido mas tinha uma aproximação razoável que satisfiz o alferes.

— Mandei, nosso cabo — disse o alferes —, preciso de ti. Quero que vás à Administração, que é aquele edifício lá ao fundo, aquele que tem a bandeira, e vejas se o chefe de posto me pode atender.

— É só, meu alferes! — perguntou o cabo, admirado.

— É só e não é pouco. O chefe de posto é uma autoridade. Não posso mandar um analfabeto como o ordenança fazer um recado destes. Entendeste?

— Sim, meu alferes.

— Então, mexe-me essas botas.

A distância era pouco mais de quatrocentos metros, mas o alferes Ferreira não dispensou nem o jipe nem o condutor nem impedido. Tinha vinte e três anos e quase nenhuma experiência, mas estudara psicologia e, por isso, sabia medir o valor das aparências. Um *cipaio* com uma *mauser*²⁰, postado à entrada do edifício, apresentou-lhe armas que ele desfez com uma continência seca. As formalidades eram para se cumprirem, em todas as circunstâncias. Mal transpôs a porta de batentes, um mulato de *balalaica*²¹ branca, de cara luzidia e maneiras suaves, levantou-se duma secretária e veio ao seu encontro:

— Senhor comandante, o senhor chefe de posto está à sua espera, por favor.

O alferes Ferreira registou o tratamento, a elegância e a cordiali-

dade do indivíduo enquanto o seguia até à porta da sala contígua. Dois toques, precisos e delicados, e uma resposta suficientemente audível:

— Entre.

O alferes contornou o funcionário que lhe abriu a porta, agradeceu com uma ligeira vénia e entrou. Um homem ainda novo, também de *balalaica* branca, levantou-se duma secretária e veio ao seu encontro, estendendo-lhe a mão. O alferes Ferreira apressou-se numa continência breve antes de apertar a mão que lhe era estendida. Era uma mão macia, demasiado lassa, quase irreal. “Uma mão de morto”, pensou o alferes Ferreira.

— Alferes Ferreira — apresentou-se.

— Sente-se, sente-se. Mas diga-me: o que o traz por cá?

— Acabámos de chegar. Um pequeno destacamento. Coisa provisória, penso eu. Trago instruções para requisitar tudo o que for necessário à Administração.

O alferes tirou do bolso um pequeno envelope com o timbre do comando militar do sector de Nampula e entregou-o ao chefe de posto. Este abriu-o e, após uma breve leitura, respondeu:

— Formalidades desnecessárias, a Administração está sempre disponível para colaborar no que for preciso. E o que é que o senhor alferes precisa, neste momento?

— Em primeiro lugar, preciso de me instalar. Já dei uma volta e o local mais adequado parece-me ser aquele espaço entre a estrada e o pequeno morro junto ao embondeiro. Consigo uma boa visão sobre a picada, sobre o rio e, principalmente, sobre a ponte.

— Não há problema. É um local sem culturas e sem palhotas, algumas papaieiras e pouco mais. Precisa de homens?

— Não. Apenas de algumas ferramentas: enxadas, pás, coisas assim...

— Requisite, requisite... tudo o que quiser... mas diga-me cá, o senhor é miliciano?

— Não! — respondeu, ofendido, o alferes Ferreira. — Sou da Academia.

— Então, vamo-nos dar bem — apressou-se o chefe de posto —, não gosto de amadores. O mal desta guerra tem sido o amadorismo. Repare nesta zona. Pronto, os senhores estão cá, o senhor alferes diz que será provisório, veremos. Eu também vim para aqui sem nomeação definitiva e já lá vão cinco anos. Já viu alguma coisa no boletim oficial? Eu não! Estamos provisórios mas a última coisa que eu precisava aqui era da tropa. Isto não é nada pessoal. O senhor é da Academia e eu sou da Escola da Junqueira. Ambos somos profissionais e isso é

que importa... A chave do sucesso de qualquer missão está sempre na atitude e no profissionalismo...

— Tem razão, quanto a isso não tenha dúvidas.

— É o que eu digo, vamo-nos dar bem. Temos de saber estabelecer alianças e ter uma visão estratégica dos problemas. Mas não o preendo mais, estamos muito a Norte e de um momento para o outro anoitece.

O chefe de posto ergueu-se e contornou a secretário. O alferes correspondeu à mão que lhe era, cordialmente, estendida com uma delicadeza que lhe era estranha. Não foi um aperto de mão, foi quase uma carícia. E um travo indizível de repugnância subiu-lhe pela garganta.

— Como dizem por aqui, estamos juntos.

— Estamos juntos — respondeu, silabando, o alferes Ferreira.

III
A ENCOMENDA

— Tudo o que quiser, o senhor manda, o senhor comanda, meu alferes.

— Preciso de algum pó de pedra e também de alguma pedra de enrocamento.

— Pó de pedra, brita, gravilha, rachão, pedra de enrocamento... a minha pedreira está toda à sua disposição.

Enquanto falava, o mulato Maciel ia batendo com o barrete militar desfiado na mão direita. Nuvens de poeira acumulada dispersavam-se, após cada pancada, levadas pelo vento, na direcção dos pântanos. O olhar do alferes Ferreira vagueou na esteira das nuvens de poeira até aos pontos negros que pareciam vogar no leito do rio, para lá dos primeiros pântanos.

— São pescadores? — perguntou, intrigado.

— São hipopótamos — esclareceu o mulato Maciel.

— E há jacarés? — indagou o alferes, curioso.

— Se há...! de vez em quando fica aí um homem...

O alferes Ferreira ia perguntar: “Que homem?” Mas estacou a tempo. Sabia muito bem que para lá do rio, numa zona à volta de um raio de dez quilómetros, os *turras* tinham uma base móvel de apoio logístico de retaguarda. Por isso, haveria sempre gente a atravessar o rio.

— E o negócio, como vai? — perguntou, a desviar a conversa.

— Agora vai mal. No princípio vendia muito material. Para a Administração, para as estradas e também para a tropa. Sabe, as distâncias são grandes e as *picadas* ficam intransitáveis, metade do ano. O que me vale é que, desde o planalto de Lichinga até Nampula, não há pedra que preste. É uma zona de granito, mas muito mole, mica em excesso, esfarela-se todo, uma desgraça. Então, durante metade do ano, lá vou escoando a produção. Vai por Cuamba e, depois, por caminho-de-ferro. Alguma chega a ir, mesmo, até Nacala. Isto é como a formiga...

— Cuamba, onde fica isso, Cuamba!?

— Cuamba! O senhor comandante não sabe? Cuamba é Nova Freixo. Desculpe, mas, cá entre as populações, os nomes tradicionais são os que continuam a valer.

— E Lichinga!? — perguntou o alferes, curioso.

— Lichinga é o mesmo, é Vila Cabral.

O alferes Ferreira apreciava estes contactos com as populações. O alferes Ferreira tinha estado nos *rangers*²², em Lamego, mas a parte do curso de que gostara mais tinha sido da contra-insurreição e das técnicas de *apsic*²³. Agora, estava ali, no Kimbali, numa faixa de terra de ninguém, uma zona de passagem e recobro, com uma base terrorista a pouco mais de dez quilómetros. E só tinha instruções para se instalar e fazer quatro pequenas plataformas com visão para o outro lado do rio. Por isso, escolhera o morro das papaieiras junto ao embondeiro. E, por isso, ali estava, nas pedreiras, com o mulato Maciel, a negociar os fornecimentos de pedra.

— E transporte? — perguntou o mulato Maciel.

— Nada. Os *unimogs* não servem; tinha de lhes tirar os bancos e rebentava com eles.

— Então, fale com o Tobias.

— Com quem?

— Com o Tobias, o das madeiras. Ele tem um tractor. Só ele é que lhe pode valer.

— E o chefe de posto? — tentou o alferes.

— Nada. Tem um *willis* preso por arames e uma *ford* encostada há mais de um ano por falta de peças.

O alferes Ferreira franziu a testa e voltou a olhar o rio. Por momentos pareceu-lhe ver qualquer coisa branca a esgueirar-se para lá da pequena ilhota de rochas cinzentas e bananeiras ondulantes.

— Há pescadores no rio?

— É o que há mais: pescadores, *machambeiros*²⁴, carvoeiros, pastores...

— Bom, onde é que posso encontrar esse tal Tobias?

— O melhor é, à noite, na cantina do *China*.

— Tenho pressa — atalhou, resoluto, o alferes Ferreira.

— Então, vai aqui com um preto meu. *Mutote*... anda cá.

Um negro claro, baixote e de rosto miúdo, acercou-se dos dois. Caminhava erecto, de passo estugado, mas não em demasia. O olhar era franco, quase confiado, e olhava a direito. O alferes registou, mentalmente, esse facto pois já reparara como os negros do mato eram submissos e falavam de olhos no chão.

— *Mutote*, vais aqui com o senhor alferes à estância do Tobias — disse o mulato Maciel, para logo, em seguida, voltar-se para o alferes Ferreira, e concluir —, vai seguro, é de confiança.

Subiram para o jipe. *Mutote* ajeitou-se atrás, ao lado do impedido, e o alferes voltou-se para uma última despedida:

— Diga-me uma coisa, só por mera curiosidade, isso — disse,

apontando para a mão direita do mulato Maciel —, foi acidente ou quê?

— Ah! Isto foi uma brincadeira dos seus amigos... ou dos amigos do chefe de posto.

— Como assim!? — admirou-se o alferes Ferreira.

— Sim, há dois anos mandaram-me uma encomenda armadilhada. Só não sei se foi a tropa ou se foi a *pide*.

IV
ENTRE NÓS NÃO HÁ PORMENORES

Uma semana depois, o alferes da escolta estava de volta com um novo carregamento: cinquenta bidões de combustível, marcados com os caracteres JP3²⁵, um hospital de campanha, um gerador de dez KVA, um rádio, um furriel de transmissões, um cabo telegrafista e um operador cripto. E um saco de correio com um novo envelope para o alferes Ferreira.

Mal se desenvencilhou do alferes da escolta que, felizmente, parecia andar sempre apressado, o alferes Ferreira recolheu-se na sua tenda. Avisou o impedido de que não queria ser incomodado, após o que abriu o envelope com o mesmo carimbo de CONFIDENCIAL, a vermelho. Com sofreguidão, leu, de um fôlego, as oito páginas escritas à máquina. Depois, olhou, demoradamente, um envelope mais pequeno com a palavra SECRETO, carimbada igualmente a vermelho. Passou-o de uma mão para a outra, como que a avaliar-lhe o peso. Fez uma pausa e voltou a ler a oito páginas, agora mais pausadamente. Quando terminou a leitura, meteu tudo no cacifo junto à cama, fechou, guardou a chave e saiu.

Como da primeira vez, mandou chamar o cabo *Bacalhau*. E, como da primeira vez, o cabo *Bacalhau* não ficou em sentido mas continuou a manter a mesma aproximação razoável, o que voltou a satisfazer o alferes Ferreira.

Também desta vez, voltou a não dispensar o jipe, o condutor e o impedido. Continuava a considerar fundamental o jogo das aparências. O *cipaio* da *mauser*, postado à entrada do edifício, apresentou-lhe armas que ele desfez com a mesma continência seca. Todas as formalidades deviam continuar a ser cumpridas. E as circunstâncias mantinham-se inalteradas.

Mal transpôs a porta de batentes, o mesmo mulato amaneirado, de *balalaica* branca, levantou-se da secretária e veio ao seu encontro. Até as palavras foram exactamente as mesmas:

— Senhor comandante, o senhor chefe de posto está à sua espera, por favor.

O alferes Ferreira voltou a registar o tratamento, a elegância e a cordialidade do figurão enquanto o seguia até à porta da sala contígua.

Os mesmos dois toques, precisos e delicados, e uma resposta suficientemente audível. Tudo igual, como da primeira vez:

— Entre.

O alferes voltou a contornar o funcionário que lhe abriu a porta, agradeceu com a mesma ligeira vénia e entrou. O chefe de posto, que continuava de *balalaica* branca, levantou-se da secretária e veio ao seu encontro, estendendo-lhe a mão. O alferes Ferreira apressou-se na mesma continência breve antes de apertar a mesma mão estendida, ainda mais macia e indolente do que da primeira visita. “A mesma mão de morto”, voltou a pensar o alferes Ferreira.

— Sente-se, sente-se... de novo por cá...? Não o tenho querido incomodar, sei que está a instalar-se. Espero que tudo esteja a correr bem.

— Eu é que lamento não ter tido ainda a oportunidade de lhe agradecer as ferramentas — retorquiu o alferes Ferreira, a que o chefe de posto correspondeu, levantado ligeiramente a *mão de morto*, num gesto simpático de deixe lá isso.

— Como já lhe disse, estamos juntos.

— A verdade é que vou ter de deitar abaixo algumas papaieiras e terraplenar um bom bocado de terreno...

O chefe de posto fixou o alferes Ferreira. Um quase imperceptível franzir de olhos rebaixou-lhe ligeiramente a testa. As asas do nariz moveram-se num invisível frémito. Um rubor súbito aflorou-lhe a face. Uma gargalhada nervosa e sincopada fez-se ouvir. “Este homem é uma hiena”, pensou o alferes Ferreira.

— O senhor, afinal, vai instalar aqui um batalhão!?

— Sinceramente, não sei. Recebi hoje novas instruções e limitome a cumpri-las.

O chefe de posto suspirou um pouco, suficientemente audível. Pigarreou a limpar a garganta. Levantou e pousou os braços. Esticou o pescoço e disse, finalmente:

— E não vão ser meia dúzia de papaieiras que vão impedi-lo de as cumprir.

— Muito obrigado — agradeceu, reconhecido, o alferes Ferreira, fazendo menção de se levantar.

— Vou perguntar-lhe outra vez: precisa de homens? Tenho aí seis presos que precisam de estar ocupados.

— Bom, se calhar desta vez eram bem-vindos. E como faço?

— Mande-me uma requisição e eles lá irão ter com um *cipaio*. Têm é de manter as grilhetas. Essa malta quando se vê solta, atravessa o rio e vai engrossar a guerrilha.

— Não sei... talvez não seja bom para os soldados... — vacilou o alferes Ferreira.

— Não se preocupe, amanhã vai lá ter o pessoal.

— Mas...

— Não há mas nem meio mas — atalhou o chefe de posto —, é que entre nós não há pormenores.

V
ÁFRICA É UM TEATRO

Na Sexta-feira seguinte, quinze dias exactos depois do alferes Ferreira ter chegado com a sua tropa, o mulato da Administração, aprimorado na sua *balalaica* branca, fez-se anunciar. O senhor chefe de posto pedia a fineza de ser recebido pelo senhor comandante. Que sim, podia vir quando quisesse, respondeu-lhe o alferes Ferreira.

Passado menos de uma hora, o chefe de posto, ao volante de um velho *willis* descapotável, parou, numa nuvem de pó, à entrada do acampamento. Um soldado, igualmente empoeirado, abriu-lhe a cancela de bambu, cumprimentou-o com uma continência apumada e gritou para dentro:

— Nosso cabo *Bacalhau*...!

O cabo *Bacalhau*, ainda mais empoeirado que o soldado da cancela, correu à chamada, saudando o chefe de posto com a continência regimental.

— O senhor alferes está a acompanhar os trabalhos ali mais abaixo. Vou chamá-lo.

— Não é preciso. Vou lá ter com ele.

O tom seco e autoritário pareceu retraindo, por momentos, o cabo *Bacalhau*. O cabo *Bacalhau* era de Aveiro e desde os catorze anos que era pescador. Estava habituado a vozes de comando. Estava habituado a ordens. Estava habituado a tormentas. O cabo *Bacalhau* até já tinha estado na Terra Nova.

— Se não se importa, acompanho-o.

O chefe de posto não estava acostumado a ser desobedecido. Olhou o cabo *Bacalhau* e um quase imperceptível franzir de olhos rebaixou-lhe ligeiramente a testa enquanto as asas do nariz se moviam num invisível frémito. Depois, um rubor súbito aflorou-lhe a face e o cabo *Bacalhau* podia jurar que lhe tinha ouvido um leve ranger de dentes. Sem responder, voltou as costas e começou a caminhar em direcção ao rio. “Este homem é um tubarão”, pensou o cabo *Bacalhau*, e foi-lhe no encaço.

Quando o chefe de posto chegou, o alferes Ferreira dava ordens enquanto observava a planta que tinha nas mãos. Uma enorme plataforma de mais de quatrocentos metros quadrados tinha sido nivelada na encosta, desde o morro até meia distância do limite da zona de

cheia do rio, onde cresciam tufos de bananeiras e renques de bambu. Um talude de granito, com cerca de vinte metros de comprimento e dois metros de altura, suportava, do lado do rio, a terra que tinha sido retirada do lado do morro. O alferes Ferreira dava instruções sobre a quantidade de brita que era preciso distribuir na superfície da plataforma quando se apercebeu da presença do chefe de posto:

— Peço desculpa. Dei instruções para me chamarem...

— Não tem importância. Achei que já era altura de confirmar, com os meus próprios olhos, as notícias que me iam chegando. — O chefe de posto fez uma paragem, abanou a cabeça, e prosseguiu — o meu amigo está a construir uma fortaleza!?

— Cumpro apenas ordens. Felizmente que o Exército tem uma cadeia de comando. Assim, a responsabilidade dos subalternos é sempre limitada.

— E ali, do lado esquerdo, aquilo são bases para guaritas? — perguntou o chefe de posto, apontando na direcção das quatro plataformas mais pequenas, alinhadas a montante do enfiamento do rio.

— Talvez... — aquiesceu o alferes Ferreira, com um sorriso e um ligeiro encolher de ombros, para logo acrescentar — mas vamos, vou mostrar-lhe o resto do acampamento.

O *cipaio* e os presos, que se tinham mantido hirtos desde a chegada do chefe de posto, pareceram respirar aliviados. O furriel Geraldes deu ordem para se retomarem os trabalhos. Ao longe, do lado das pedreiras, ouviu-se uma explosão e, sucessivamente, o eco, ribombando em cadeia, nos morros de granito, para lá da Administração. Uma nuvem de inquietação perpassou por todos os soldados que olharam interrogativos em todas as direcções.

— É o mulato Maciel no explodir das *pedrera* — ouviu-se a voz do *cipaio*, quebrando o silêncio sepulcral que se instalara.

Uma algazarra irreprimível de vozes, como um casino barulhento, explodiu, confusa e babélica, a esvaziar a ansiedade. O alferes Ferreira e o chefe de posto ouviram a explosão e as réplicas e a barulheira descompressora dos soldados e, sem se deterem, prosseguiram a visita. Só no final, quando já tinham percorrido todo o vasto perímetro, é que o chefe de posto retomou a ocorrência:

— Não sei o que pensa das explosões..., militarmente falando, claro.

— Militarmente, como? — indagou o alferes Ferreira, franzindo o sobrolho, para logo acrescentar — não estou a perceber.

— Talvez não seja compatível com a vossa presença, este tipo de explosões...

— Não tenho instruções sobre isso.

— Pois...

— De qualquer forma tenho que reportar superiormente o facto no *sitrep* diário de hoje.

— Faça isso, faça. Nunca se esqueça que África é um teatro.

O alferes Ferreira pareceu não o ouvir. De teatro só sabia o teatro de operações. E o pouco que sabia era apenas teórico. África era um mundo e esse mundo era todo novo para ele. Atirado para um local que mal sabia identificar no mapa, o alferes agarrava-se deliberadamente ao trabalho e às instruções.

— Vou precisar de cimento... —, surpreendeu-se ao ouvir-se.

— Você precisa é de parar um pouco — corrigiu o chefe de posto, pondo-lhe uma mão no braço.

O alferes Ferreira tentou esquecer a mão que o agarrava. Estranhamente, naquele martírio tropical de mais de trinta graus, aquela mão era uma autêntica pedra de gelo. Um arrepio súbito varreu-lhe o corpo, por dentro, das unhas dos pés à ponta dos cabelos. Como se o tivesse sentido, o chefe de posto largou-lhe o braço e, num gesto largo, que pareceu intencional, apontou a cantina do *China*, cem metros mais acima, do outro lado da *picada*:

— Ao fim do dia *desopile*, vá beber um copo. Faça como os seus furriéis...

— Ainda não tive um momento de descanso. Não tem sido fácil a instalação.

— Nunca é fácil... — concordou o chefe de posto, prosseguindo — não queira saber o que foi comigo...

— Não — atalhou o alferes — é que ainda não acabei uma coisa já me estão ordenar que faça outra. E assim é difícil uma pessoa organizar-se. Parece que fazem de propósito.

— E se calhar fazem... ou talvez não... é por isso que eu não me canso de dizer que África é um teatro.

VI NO CU DE JUDAS

No final da terceira semana, no Kimbali, o destacamento militar começava a ganhar forma e o perímetro de segurança os contornos indispensáveis a uma razoável definição. Por essa altura, o alferes Ferreira começava, igualmente, a ter uma percepção quase perfeita do pessoal que lhe calhara na tómbola da mobilização.

O furriel Geraldês era um bom organizador e galvanizador do pessoal. Era esforçado e sabia manter o entusiasmo com incitamentos em que casava harmoniosamente o mais genuíno dos calões de caserna com os laços da mais pura camaradagem. Se não fossem as saídas nocturnas, que encetara logo desde os primeiros dias, estava ali um colaborador quase perfeito. O furriel Carmo parecia-lhe de outra ténpera. Mais introspectivo e cerebral, era, na prática, um leitor compulsivo e um emérito jogador de cartas que não dispensava, igualmente, o doce prazer das libações nocturnas na cantina do *China*. Dos quatro cabos, apenas o cabo *Bacalhau* e o condutor *Piruças* eram referenciáveis, os outros dois eram quase tão básicos como os quinze soldados, nove dos quais completamente analfabetos, que completavam o pelotão. “Quarenta por cento”, contabilizara, mentalmente, o alferes Ferreira. Este era o retrato do país real ali reflectido na proporcionalidade irrelevante do seu pequeno destacamento. “Logo que possa, ponho esta gente a aprender a ler”, foi o segundo pensamento que lhe ocorreu e essa missão pareceu-lhe, desde logo, a melhor recompensa para o exílio a que estava sujeito.

Da equipa de transmissões, não formara opinião. Identificava-os como fornecedores externos de um serviço relevante. Responsabilizara o furriel Rocha pela sua regularidade e sigilo, e apenas lhe impusera a entrada na rotatividade do serviço obrigatório que ele e os furriéis executavam. Não deixava de ser peculiar, a existência de um destacamento militar com oficial-de-dia na primeira semana de cada mês e sargentos-de-dia nas restantes três semanas. O alferes Ferreira esperava que essa rotina fosse o primeiro passo para a normalização duma vivência, desde o início, tão excepcional.

A resposta ao *sitrep* sobre as explosões nas pedreiras do mulo Maciel tinha chegado no dia seguinte, encriptada e sincopada mas

claramente esclarecedora: “NÃO ALTERAR NADA NORMALIDADE VIDA POPULAÇÕES”.

Naquela terceira semana sucederam-se outras explosões, assemelhando-se a cadência da sua repetição ao repenicar dos sinos da igreja que o Kimbali não tinha, mas que persistia na memória rural de cada um daqueles militares, condenados aos rigores do desterro e às saudades da terra.

O alferes da escolta não apareceu no final dessa semana como tinha acontecido nas duas semanas anteriores. Tal não pareceu incomodar ninguém. Apenas o furriel Carmo, Domingo de manhã, ao pequeno-almoço, mencionou o seu nome, a propósito da falta que sentia da correspondência e dos jornais que deixara de receber. Mais difícil de engolir começava a ser a ração de combate de que se alimentavam há três semanas. O cabo *Bacalhau* já tinha passado o desconforto do pessoal para o furriel Geraldês. E este prometera falar com o alferes Ferreira, nesse Domingo.

A água também era um problema: todos os dias tinham de ser transportados dois bidões de cem litros, desde o depósito da Administração, que a captava, imaculada e cristalina, directamente das escorrências da primeira linha de montanhas. “Esta água é uma dádiva dos céus, muito melhor que a água de Ribáuê”, tinha dito o chefe de posto, ao alferes Ferreira, na altura do pedido.

No final do primeiro mês, no Kimbali, o essencial do acampamento estava concluído. Os homens dormiam ainda em tendas, mas já tinham levantado uma palhota circular de capim e caniço, com uma meia paliçada de folhas de bananeira, primorosamente entrelaçadas, obra dos prisioneiros. Era aqui, em bancos corridos de sândalo e mesas da mesma madeira preciosa, que os homens comiam as miseráveis rações de combate. Só o alferes Ferreira se isolava, na sua tenda, na hora das refeições.

Por essa altura, já se tinham iniciado no consumo generalizado das frutas autóctones. Bananas, papaias, mangas, atas, ananases e abacates quase faziam esquecer as frutas mediterrânicas da Metrópole distante. O consumo do chá, introduzido recentemente pelo furriel Geraldês, começara, também, a ganhar alguns adeptos.

O acampamento era rudimentar mas habitável. Um desenho quadrangular com cerca de um hectare, em declive suave, com um morro enorme de granito, a separá-lo da zona de palhotas, e uma entrada directa na *picada* principal. No seu interior, tinham construído, segundo instruções transmitidas pelo alferes Ferreira, que tudo supervisionava, quatro pequenas plataformas, na parte voltada ao rio, cada uma com a

área de um quarto pequeno, e, na zona mais próxima do morro, uma outra, de razoáveis dimensões, que necessitara de algum engenho e muita transpiração. Quanto às papaieiras, a sua limpeza tinha sido tão devastadora que apenas se viam, agora, meia dúzia de espécimes de porte médio.

No Sábado de manhã, dessa quarta semana em que se concluía um mês de permanência, chegou a coluna militar com cinco *berliets* carregadas com material diverso, em caixas codificadas e indecifráveis. Quem não veio foi o alferes da escolta. O seu substituto era um sargento *lateiro*²⁶, barrigudo e mal disposto, que logo informou que o alferes tinha *lerpado*²⁷, na *picada* de Nairoto, há oito dias. Uma mina anticarro tinha-o apanhado em cheio, dera duas voltas no ar e caíra, desfeito, no meio do *capim*. Pela primeira vez, o pessoal do destacamento era confrontado com a terrível realidade da guerra. E se, até aí, ninguém tinha ainda tido tempo para pensar na morte, este brutal soco no estômago veio introduzir, devastador, um dado novo no dia-a-dia do pessoal.

Com a coluna, veio, também, o habitual saco do correio com o inevitável envelope com o carimbo de CONFIDENCIAL, a vermelho. O dia tinha começado sombrio e ninguém esperava, agora, nada de bom do maldito envelope. Até o furriel Geraldês passou o resto do dia meditando e inquieto. Ainda foi à cantina do *China*, nessa tarde, mas faltou-lhe paciência para aturar os convivas e pouco se demorou. À noite, pouco comeu, emborcou dois *whiskys* duplos, olhou vagamente a *paciência* de cartas do furriel Carmo e hesitou se devia sair. Finalmente decidiu-se, mas antes das dez horas estava de volta. E isto contaminou ainda mais o pessoal. O desânimo era tão evidente que o cabo *Bacalhau* passou a tarde de olhos fixos nas três osgas que, de cabeça para baixo, no topo do tronco duma das papaieiras sobreviventes, iam comendo, uma a uma, as formigas que, em carreiro, eram atraídas pelo cheiro das papaias maduras.

Também nessa tarde, os homens não jogaram à bola, como se um cansaço de morte lhes tolhesse as pernas. Até o furriel Rocha calara o velho gira-discos onde passava, ininterruptamente, os discos do Zeca Afonso. Só o alferes Ferreira pareceu resistir àquele vendaval de desânimo que caíra, subitamente, no destacamento. No Sábado, logo que a coluna descarregou e se fez à *picada*, pela primeira vez, largou o camuflado, vestiu a farda número dois e saiu em passeio. Sozinho, percorreu os quatrocentos metros que o separavam da Administração. E pelo caminho foi observando, com minúcia, todos os pormenores: as casas, as árvores e as ruas.

Admirou o chão limpíssimo, à volta da mangueira grande, onde

apenas eram visíveis restos duma fogueira apagada. Mirou a cantina do *China*, que estava aberta e com negros à porta. Registou, mentalmente, a máquina de costura do alfaiate Malaquias, exposta na varanda, como um anúncio vivo dessa actividade de cortes e alinhavos tão necessária nas cidades como no mato. Apreciou a meia dúzia de casas coloniais com varandas de pé-direito alto e rede mosquiteira nas janelas, com senhoras brancas, sentadas em espreguiçadeiras confortáveis, que lhe sorriram e baixaram a cabeça. Observou os Correios, fechados, no local em que a picada de terra vermelha se abria num amplo largo primorosamente ajardinado. Apreciou outras casas coloniais, aparentemente desocupadas. Descobriu uma construção sóbria, com três arcadas, encimada centralmente por um escudo e um dístico em relevo onde se lia Escola Primária. Espreitou, ao lado da escola, um caminho estreito que atravessava uma zona de cajueiros, donde vinha o som distante de um batuque. Circulou o olhar por todo o perímetro da praça, numa oval perfeita, limitada de acácias, borracheiras, coqueiros, jacarandás e casuarinas, que se alternavam, numa sequência que não era acidental.

Por fim, contemplou o edifício da Administração que sobressaía no topo, ladeado pela casa do chefe de posto e pela casa das visitas. E, como sentinelas silenciosas e eternas dessa presença colonial, olhou as duas araucárias gigantes. Trinta e quatro grupos de pernadas, verticiladas em estrela, contou o alferes Ferreira.

— Trinta e quatro anos — disse, nas suas costas, o chefe de posto.

— Como!? — sobressaltou-se o alferes Ferreira, voltando-se de um salto.

— Essas araucárias têm tantos anos como a presença da administração portuguesa nestas paragens.

— Mas, para quinhentos anos isso é quase-nada!

— O que é que esperava neste cu de Judas!? Se calhar, o primeiro branco que passou por aqui foi esse... — atalhou o chefe de posto, apontando a placa toponímica que dava o nome ao largo. — Esse Neutel de Abreu.

— Quem!? — perguntou o alferes Ferreira, curioso.

— Neutel de Abreu, o major que, no princípio do século, pacificou esta região. Olhe, se algum dia for a Nampula, tem lá uma estátua numa praça com o nome dele.

— São corvos!? — perguntou, subitamente, o alferes Ferreira, apontando as araucárias pejadas de enormes pássaros negros com golas brancas.

— São. E são os meus melhores funcionários.

— Os melhores funcionários...!? — admirou-se o alferes Ferreira, não percebendo a graça.

— São os cantoneiros do lixo. Passam o dia a reciclar toda a porcaria que a *pretagem* faz. A *pretagem* e a *brancagem*, que em questão de porcaria há brancos piores que os negros.

Foi no momento em que sol começava a cair abruptamente, projectando a sombra das montanhas na horizontal da praça, que o alferes Ferreira, talvez por uma questão de associação higiénica, se lembrou da frescura da água.

— Preciso de encontrar uma solução para o transporte da água.

— No que é que está a pensar, concretamente? — indagou o chefe de posto.

— Talvez, canalizá-la?

— Impossível! Só em Nampula é que encontraria tubagens. De qualquer forma, a conduta principal vai até ao *China*.

— Até ao *China*... — meditou, em voz alta, o alferes Ferreira.

— Sim, até ao *China* — confirmou o chefe de posto. E logo acrescentou — pense apenas numa solução que lhe permita tirar água daí sem prejudicar o ramal da cantina.

VII ESTAMOS LIXADOS

No Domingo, mal o sol despontou, o alferes Ferreira levantou-se e, ainda antes de tomar o pequeno-almoço, abriu, finalmente, o envelope do carimbo vermelho. Demorou algum tempo a ler, passando e repasando as folhas, como se estivesse a memorizar o que estava escrito. Depois, desdobrou os três mapas em tom cinzento, cópias de cópias de cópias militares, já desbotadas pelo tempo, cheios de um emaranhado de riscos em tons sépias, ocres e azuis deslavados. Pousou-os sobre a mesa e procurou qualquer indício de legenda que o ajudasse mas apenas encontrou, na margem, junto ao canto direito uma escala com a indicação de 1:200.000 e duas linhas que se cruzavam para terminarem em quatro setas pontiagudas com as letras N, E, S e O, escritas no sentido dos ponteiros do relógio.

Os três mapas eram perfeitamente iguais, mas, num deles, o alferes Ferreira pôde ver que o corte tinha deixado, na parte de baixo, uma margem ligeiramente mais larga, o suficiente para se poder distinguir uma data, 1909, e um nome, Gago Coutinho. Achou o facto surpreendente e, por momentos, uma ideia, como um raio, atravessou-lhe a mente: “Se calhar, o Neutel de Abreu e o Gago Coutinho estiveram juntos no Kimbali!” Depois, a admiração cresceu e perguntou-se a si próprio, como era possível o exército português estar a utilizar cópias de mapas com sessenta anos!? E, no entanto, nem um simples esgar traía o que lhe ia na alma.

Permaneceu alguns minutos com os olhos fixos no vazio. Depois, pegou no saco, que vinha selado, e, pela primeira vez, franziu a testa em sinal de surpresa. A etiqueta indicava: Destacamento 343. Pegou na faca de mato e, num golpe certo, cortou os selos. Em seguida, despejou o conteúdo por cima dos mapas, na mesa metálica onde, na maior solidão, comia as refeições.

As vinte e quatro horas de pesar e apreensão esfumaram-se num segundo. Finalmente, chegara o correio. Os homens espalharam-se, procurando no isolamento e na intimidade, a comunhão dos afectos com os familiares, as namoradas e os amigos distantes. Só os analfabetos tiveram de esperar, de corações apertados e com um misto de inveja

e ansiedade, que os outros camaradas se saciassem na leitura repetida das cartas há muito desejadas. “Tenho de os pôr a ler”, pensou, de novo, o alferes Ferreira, desta vez com um nó na garganta e uma dor de alma ainda mais profunda.

Pelo meio-dia, a gritaria era tanta que o alferes Ferreira se viu obrigado a chamar o furriel Rocha, que estava de sargento-de-dia, para os mandar calar. Depois do almoço, que continuava a ser ração de combate, todos dispersaram, uns na direcção do rio, outras do *China* e outros, ainda, cortaram na mangueira grande em direcção às palhotas. No acampamento, ficaram apenas o alferes Ferreira, de volta aos papéis e aos mapas, o furriel Carmo, às voltas com as cartas e as *paciências*, e o furriel Rocha, que continuava de serviço.

O alferes Ferreira passou o resto da tarde isolado na tenda. Quando a noite começou a cair, acendeu o *petromax*²⁸ e continuou a trabalhar. Por volta das onze horas, deu-se conta das vozes dos soldados que começavam a recolher. Meia hora mais tarde, levantou-se, fez alguns movimentos com os braços e as pernas, a reactivar a circulação, após o que começou a arrumar os papéis. Só então derreteu uma pequena saqueta de leite condensado, num púcaro de água, que engoliu com duas bolachas de água e sal. Em seguida, saiu para a rua, onde uma noite de luar intenso o acolheu. Como um sonâmbulo, deixou-se conduzir, sem pressas, até à zona da cancela onde estava o furriel Rocha.

— Nosso furriel, alguma novidade?

— Nada, meu alferes. — Respondeu-lhe o furriel Rocha, sacudindo a poeira, para logo acrescentar — devíamos fazer alguma coisa, aqui na entrada, para acabar com o pó.

— Vamos fazer, vamos fazer — respondeu o alferes Ferreira.

— Amanhã, é o meu alferes que entra de serviço?

— Sou. Mas quero que você acorde esta gente cedo, aí pelas seis. E avise já o *Fângio* e o *Piruças* que quero os dois *unimogs* atestados e prontos para saírem, às sete.

— É só, meu alferes?

— É só, até amanhã.

O dia seguinte acordou num bulício contagiante. Os homens tinham caras alegres e trocavam palavras entusiastas. Faziam a barba em espelhos pendurados nos sítios mais inverosímeis. Mergulhavam as cabeças em latas de combustível com água e ensaboavam-se com exuberância. As toalhas brancas do espólio flamejavam nas mãos vigorosas e nos gestos vibrantes.

O alferes Ferreira foi o primeiro a levantar-se. Quando o furriel

Rocha iniciou o toque de alvorada, batendo repetidamente no bidão vazio do costume, já ele engolira um pequeno-almoço frugal de três bolachas e um chá frio que o impedido lhe deixara, de véspera, num cantil pendurado no armário. Enquanto os homens se levantavam, atravessou o acampamento até ao ponto mais alto, na base do morro, onde começava a grande superfície plana que tinham construído nas duas semanas anteriores. Olhou a picada até ao rio e, para lá da ponte, para os pântanos, e para lá destes, até onde a vista alcançava a linha do horizonte. E mentalmente contou: dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta... Depois, desceu até à minúscula parada, em frente da cancela, onde estava o furriel Rocha que lhe bateu uma continência a que ele correspondeu.

— Bom dia, meu alferes.

— Bom dia. Os homens acordaram hoje com vontade de trabalhar.

— É do correio e da *maçaroca* que receberam de casa — respondeu o furriel Rocha, logo acrescentado —, anda tudo eufórico.

— Ainda bem — disse o alferes Ferreira, com um meio sorriso e sem se deter — Rocha, pode ir descansar e, pelo caminho, avise os nossos furriéis para irem ter comigo, lá acima, junto ao morro.

Quando os furriéis Carmo e Geraldês chegaram, já o alferes Ferreira e o impedido prendiam, com quatro pedras, um dos mapas da véspera, em cima da secretária que o último transportara. O alferes partilhava do mesmo entusiasmo geral e foi logo directo ao assunto. Antes, porém, dirigiu-se ao impedido que continuava a tentar melhorar a fixação do mapa com mais duas pedras:

— Avisa o pessoal que daqui a meia hora quero toda a gente aqui formada. E os *unimogs* também, prontos para sair.

Enquanto o impedido desandava a cumprir as ordens, voltou-se para os furriéis:

— Finalmente, está definida a nossa missão — disse, enquanto os dois furriéis se entreolhavam interrogativos, e logo prosseguiu —, por alguma razão somos os três da área das informações e do reconhecimento. A nossa grande missão é actualizar este mapa.

— Ó meu alferes — interrompeu o furriel Carmo —, se essa é a nossa grande missão, para que serve o que andámos a fazer até agora!?

— Sim, e para que serve aquelas dezenas de bidões de combustível. Olhe, que aquilo é combustível de helicóptero. E as centenas de cunhetes de munições e o outro material explosivo que temos ali arrumado!?! — completou o furriel Geraldês.

— Bolas! Nós somos de informações! Essa porra aí... alguém há-de vir tomar conta. Não é connosco! Ouviram!?

— *Tá* bem, *tá* bem... — concordou o furriel Geraldês, bamboleando a cabeça, desconfiado —, isto é tudo muito esquisito, isso é que é.

— Muito esquisito... — concordou o furriel Carmo.

— Pois é. Mas agora está na hora de se deixarem de esquisitices, porque durante um mês não vão ter tempo para elas.

Durante os vinte minutos seguintes, expôs, com minúcia e clareza, todo o plano de operações que tinha elaborado na véspera. Quando acabou, os dois furriéis estavam siderados mas, ao mesmo tempo, admirados com a qualidade do trabalho apresentado. O planeamento parecia não ter a mínima falha. Durante trinta dias, as patrulhas, os homens, as rações de combate, as viaturas, o combustível, os itinerários, os pontos sensíveis, os reabastecimentos, tudo, mas mesmo tudo, estava organizado, previsto, medido, pesado e distribuído. Só faltava o pior: o cumprimento da missão.

— Dez mil quilómetros quadrados...!? É muito quilómetro, meu alferes! — ajuizou o furriel Carmo.

— Um quadrado com cem quilómetros de lado. E nós estamos numa ponta do quadrado. Essa é que é a parte pior — lamentou-se o furriel Geraldês —, se o Kimbali estivesse ao meio sempre estávamos a cerca de cinquenta quilómetros de qualquer dos lados.

— Essa é, realmente, uma dificuldade acrescida — concordou o alferes Ferreira —, são cerca de quinhentos quilómetros de *picadas* e temos um ponto máximo a cerca de cento e quarenta quilómetros do Kimbali. Mas o planeamento está aí todo, há só que segui-lo.

— Quer dizer — o furriel Carmo, procurava sintetizar em voz alta, a avalanche de informação recebida —, temos de actualizar a quadrícula. Diz o meu alferes que estamos a trabalhar com mapas de 1909 e que, se calhar, algumas *picadas* já não existem ou foram substituídas por outras...

— É isso. E as únicas actualizações que foram feitas, não sabemos quando nem como, correspondem a esses trinta e dois pontos sensíveis que têm de ser confirmados: pontes, passagens a vau, cruzamentos, bifurcações, Missões, cantinas, fazendas, acampamentos de caça, estâncias de madeiras, enfim, são trinta e dois pontos... — acrescentou o alferes Ferreira.

— Em resumo: estamos lixados! — concluiu, prazenteiro mas apreensivo, o furriel Geraldês.

VIII UMA QUESTÃO DE EQUILÍBRIO

Foi uma semana perfeitamente infernal. Com excepção do primeiro dia, as patrulhas de reconhecimento saíram, diariamente, às quatro da manhã, como estava previsto. Às cinco, quando o sol se erguia, vibrátil e refulgente, no horizonte longínquo, por cima da última linha das acácias, já os homens iam para lá dos pântanos, onde o trabalho começava verdadeiramente.

O furriel Carmo percorreu, durante toda a semana, o itinerário principal, em direcção ao Banze, registando com minúcia, ao quilómetro, numa folha de navegação, todos os sinais relevantes susceptíveis de análise.

O furriel Geraldês, no primeiro dia, ao quilómetro dezoito, virou à direita na *picada* do Tobias, e com idêntico rigor, começou a executar a sua parte da missão. Ao segundo dia, ao quilómetro vinte seis e sempre à direita, percorreu a *picada* da Missão de São Lucas. No terceiro dia, ao quilómetro trinta e três, explorou a *picada* da Fazenda do Inglês. No quarto e no quinto dias, ao quilómetro trinta e sete, as *picadas* do rio Uríngue. E ao sexto dia, ao quilómetro quarenta e dois, começou o reconhecimento da *picada* do rio Lúrio.

Em nenhum dos percursos viram quaisquer sinais suspeitos. Apenas algumas aldeias, muitas *machambas* de algodão e milho, alguns campos de tabaco (principalmente na *picada* do Inglês), camponeses e vendedores de lenha e carvão e pouco mais. Era uma zona de população escassa em que as pessoas pareciam ter abandonado os campos para se refugiarem algures, provavelmente mais ao Sul. E isso tornou-se óbvio, pelo menos aos olhos do furriel Geraldês, a partir do momento em que penetrou, mais profundamente, na segunda *picada* do Uríngue onde a presença humana era mais evidente.

De qualquer forma, a população que restava parecia ter procurado abrigo junto dos poucos brancos que persistiam, ainda, em manter uma presença viva nesse fim do mundo. Com receio da tropa ou com medo dos *turras*!? Provavelmente, dos últimos. O certo é que, com todas as pessoas com quem falaram — padres, freiras, *machambeiros*, madeireiros, cantineiros e outros; preto, brancos, mistos e indianos —, a resposta foi sempre a mesma: “Aqui não há disso!”

Para o final da semana, quando a distância do acampamento já começava a ser considerável, as pessoas tinham passado a dizer: “*Turras!?* Isso é lá para o Kimbali!”

No acampamento, durante toda a semana, o alferes Ferreira não deu descanso ao efectivo, criteriosamente escolhido. Analisara, em profundidade, as cadernetas militares e as fichas individuais que recebera em Lourenço Marques e decidira seleccionar o pessoal. Escolhera os oito mais básicos e constituíra com eles as duas patrulhas de reconhecimento, entregando-os aos furriéis Carmo e Geraldês. Com os nove restantes, incluindo os dois cabos, procurou adequar as suas profissões civis às tarefas que pretendia realizar. Tinha acabado o reinado da improvisação. Doravante, iria imperar a organização e a racionalidade.

Na Segunda-feira de manhã, pegou na lista elaborada na véspera e reviu o que tinha escrito: um pescador, um padeiro, um calceteiro, um funileiro, um trolha, um ladrão de automóveis, dois serventes e dois sem profissão conhecida. A matéria-prima não seria a mais conveniente nem a mais qualificada, mas com empenho, perseverança e alguns prémios suplementares tinha a certeza de que levaria a bom porto a sua missão.

O cabo *Bacalhau* foi nomeado fiel de armazém; passaria, daí em diante, a ser o responsável pelos materiais, quaisquer que eles fossem: munições, combustíveis ou alimentos. O cabo *Padeiro* foi nomeado cozinheiro porque quem estava habituado a fazer pão também tinha que saber fazer comida. Os restantes foram divididos em dois grupos: um andaria com ele e o outro, a partir de Terça-feira, com o furriel Rocha.

Logo na manhã do primeiro dia, despachou as requisições com a certeza inabalável de que tudo seria fornecido: uma centena de paus de chanfuta, ao madeireiro Tobias; duas carradas de brita e duas de pó de pedra, ao mulato Maciel; dois sacos de feijão, dois de arroz e dois de farinha, um saco de açúcar, vinte cinco litros de óleo e dez litros de azeite, ao *China*. Tudo isto ocupou o dia do cabo *Bacalhau*, do recém-nomeado cozinheiro e do condutor do jipe, que andaram numa correria contínua para dar provimento à catadupa de incumbências que não augurava nada de bom. Apenas o vector alimentar foi do gosto dos três, fartos que estavam da ração de combate, apenas sofrivelmente atenuada pelo reconforto das frutas locais. Precisava também de cimento, arame liso, arame farpado e pregos — eles que procurassem onde havia.

Quando chegou ao fim do dia, o problema da água estava em vias de solução: uma canalização de tubos de bambu, encaixados e aperta-

dos com fios de casca de embondeiro embebidos em água. Tudo a céu aberto e apenas aproveitando a gravidade, desde a conduta principal, no *China*, até ao acampamento, onde começara, já, a ser preparado o terreno para um tanque de três mil litros.

Também, até metade do muro de suporte da grande plataforma, os prisioneiros tinha começado a erguer uma construção com paus toscos de mafureira e capim cortados na margem do rio, para lá do morro.

Era já de noite quando o cabo *Bacalhau* e o cozinheiro regressaram ao acampamento com o jipe carregado de mantimentos e com boas e más notícias. As boas, é que o *China* estava bem abastecido de outros produtos alimentares de primeira necessidade, mas que não faziam parte da requisição. O *China* mandara dizer que até vendia galinhas e cabritos. As más, é que não tinham descoberto nem cimento nem arame farpado.

No segundo dia, a meio da manhã, o chefe de posto apareceu no acampamento sem se fazer avisar. Um dos homens que trabalhava na entrada, retirando a poeira e terra solta até à primeira camada de chão duro, apressou-se a ir chamar o alferes Ferreira que acompanhava os trabalhos do futuro depósito de água. O chefe de posto, no entanto, e tal como da primeira vez, saltou do *willis* e foi atrás dele. Ninguém o impediu, até porque não havia nem sentinela nem sargento-de-dia. Para todos os efeitos aquilo era ainda um simples acampamento. Estava em vias de se transformar num verdadeiro quartel mas ainda nem sequer estava murado. E estes foram os pensamentos que afloraram a mente do alferes Ferreira quando viu, ao longe, o chefe de posto a aproximar-se.

— Bom dia — saudou o chefe de posto, estendendo-lhe a mão, enquanto o alferes batia a continência e se apressava num aperto de mão seco e crispado.

— Bom dia. Ainda bem que veio. Tenho umas coisas para lhe perguntar — disse o alferes.

— E eu, umas coisas para lhe dizer... — atalhou o chefe de posto sem lhe dar tempo a prosseguir —, sei que começaram ontem a fazer patrulhas e é sobre isso que lhe quero falar.

Não era o tom habitual do chefe de posto. O alferes Ferreira, no entanto, depressa se recompôs. Afinal, ele só falara três vezes com o homem, conversas formais e informais mas inconsequentes. No fundo, ele não conhecia, minimamente, o chefe de posto. Inicialmente, ficara com uma impressão ambígua, de firmeza nas atitudes e delicadeza no

trato. Reconhecia, ainda assim, alguns pensamentos embaraçosos, um sentimento indelével de repulsa e um calafrio ínfimo e invisível.

— Mas é que não são patrulhas...

— Não são patrulhas!?! As informações que tenho dizem-me o contrário... — atalhou o chefe de posto, para logo continuar —, então o que são dois *unimogs* com cinco homens cada, comandados por dois furriéis, de armas na mão, a percorrerem as *picadas* de Kimbali?

— Mas, desculpe, ainda que fossem patrulhas, qual é o problema? É que não entendo — explorou o alferes, evitando, com uma pergunta, dar satisfações ao chefe de posto.

— Não entende!?! Ah, mas então temos mesmo que ter uma longa conversa... — disse o chefe de posto, abanando a cabeça. — Olhe, não tem um local mais confortável para conversarmos?

— Vamos para a minha tenda. Sempre estamos melhor.

Quando entraram, o alferes sentou-se atrás da mesa, que o impedido já arrumara, enquanto o chefe de posto se sentou em frente, numa cadeira de chapa metálica de costas direitas e desconfortáveis.

— Pois é assim, meu caro — começou o chefe de posto —, o Kimbali tem sido até agora uma zona pacífica. É certo que está bem a Norte, para lá da linha de bases terroristas, que, desde Palma e Nangade até ao Lago Niassa, cobrem completamente o Norte de Moçambique. E este é um fenómeno para o qual tenho uma explicação que vou agora partilhar consigo. E essa explicação tem a ver, essencialmente, com a geografia, nomeadamente, a topografia, a orografia e a hidrografia.

O alferes Ferreira debruçara-se sobre a mesa, escutando atentamente todas as palavras. O alferes Ferreira estava sempre interessado em compreender o mundo que o rodeava. Por isso, gostava de observar, à sua volta, a natureza, as obras e os homens. Por isso, também, gostava de interrogar e ouvir as pessoas. O alferes Ferreira era especialista na recolha e tratamento de informações e estudara, entre outras matérias mais ou menos irrelevantes, psicologia e sociologia. Só não tinha tido tempo, até agora, para se aplicar na pesquisa, recolha, selecção e análise do mundo de notícias que gravitava à sua volta, no Kimbali. Nessa altura, debruçou-se ainda mais sobre a mesa e, com esse gesto e com os olhos, incitou o chefe de posto a prosseguir.

— Desde o princípio, sempre me interroguei por que razão os *turras* têm poupado estes oitenta quilómetros até ao Banze. E mais ainda, por que é que havendo uma base, aqui tão perto, não há memória de nenhum ataque nesta faixa, até ao rio Rovuma. Ora, sabe porquê? — interrogou o chefe de posto, fitando ostensivamente o alferes Ferreira por breves momentos. — Porque é do interesse deles, evidentemente.

Este local foi criteriosamente escolhido, não foi fruto do acaso. Todas as frentes de combate precisam de ter os seus locais de recobro.

— A que chama locais de recobro, exactamente? — interrompeu o alferes Ferreira.

— Bases logísticas, essencialmente; bases de abastecimento; locais onde guerrilheiros doentes ou com pequenos ferimentos possam recuperar; bases de apoio e de recolha de informações; locais de trânsito para infiltração de agentes engajadores; sei lá...isso tudo e mais alguma coisa. Mas tudo menos bases militares.

— E acha que existe uma base desse tipo algures no Kimbali?

— Não acho, tenho a certeza! E, com uma possibilidade de erro mínima, até sou capaz de lhe dizer o local exacto onde está instalada.

— Muito bem — contemporizou o alferes —, o senhor está aqui há cinco anos, conhece a zona, tem a sua rede de informadores e, provavelmente, a autoridade e o engenho para fazer interrogatórios e interpretar silêncios e sinais. Por isso, tem razões para crer na existência dessa base silenciosa, dessa base sem actividade militar, dessa base de recobro e lazer. E eu sou levado a acreditar que essa base realmente existe, embora ela não conste nas cartas militares, pelo menos naquelas que eu conheço. — O alferes mentia, fingindo ignorância. — Agora diga-me: por que é que as minhas “patrulhas” o preocupam?

— Então, não é evidente que a situação actual é extremamente vantajosa para todos nós!? E que tudo o que venha pôr em causa este equilíbrio poderá ter consequências imprevisíveis ou mesmo trágicas! Como autoridade administrativa desta área, cabe-me zelar pelas populações, negras e brancas, e garantir-lhes as condições mínimas de vida, de preferência em paz.

— Percebo. — O alferes Ferreira parecia sincero ou o chefe de posto assim o entendeu. — E vou sossegá-lo: os meus furriéis andam apenas a fazer uma actualização da cartografia da região que é do tempo do seu amigo Neutel de Abreu.

— Ó homem, não sabe o peso que me tira de cima. Até eu perceber muito bem o que vocês vieram para aqui fazer não vou dormir descansado — desabafou o chefe de posto, levantando-se. — Bem, vou indo. Mas olhe que ainda não seguiu o meu conselho. Bem vejo que anda ocupado, mas uns copos no *China* só lhe iriam fazer bem. A propósito, dou-lhe os parabéns, a solução da água é engenhosa. Também ainda não o convidei porque a minha mulher tem estado em Vila Junqueira, mas, logo que ela regressar, vou mandar-lhe um convite que não pode recusar.

— Mais duas ou três semanas e concluo o essencial. Terei, então,

muito gosto — disse o alferes, levantando-se e contornando a mesa.

— Muito bem. Combinado. Mas, você tinha qualquer coisa para me dizer...?

— Ah, é verdade — exclamou o alferes, lamentando, intimamente, o esquecimento — preciso de cimento e arame farpado.

— Cimento, tenho algum, agora arame farpado, tenho de ver. De quantos sacos precisa?

— Vinte sacos chegam.

— O.K. Mande a requisição ao meu secretário. Quanto ao arame, apareça no *China*, Domingo à tarde. Algum dos grandes fazendeiros da zona poderá resolver-lhe o problema.

— Lá estarei. E não se esqueça que ainda tem de me explicar essa questão das razões geográficas — acrescentou o alferes, satisfeito por poder remediar a contrariedade anterior.

Já na rua, o alferes Ferreira fez questão de acompanhar o chefe de posto até à cancela, onde os homens espalhavam brita na estrada antes poeirenta. O chefe de posto esboçou um sorriso frouxo enquanto oferecia a mão, agora mais suave e distendida. E o alferes voltou a senti-la com a mesma repugnância das outras vezes.